

## **AZUL É A COR MAIS QUENTE: DA ECONOMIA DOS GESTOS À NEGAÇÃO DE SI**

João Vitor Noale Bonfim  
Universidade Estadual de Maringá

### **RESUMO**

Dando seguimento à expansão reflexiva da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Azul é a cor mais quente: Do romance gráfico ao cinema”, ira ser explorada as relações sociais evidenciadas no referido texto e que contemplam o cotidiano dos indivíduos, desde suas relações familiares até breves e enviesados olhares nas ruas. Sobre isto, tanto Foucault (1988), quanto Eribon (2010) falam de como a consciência, marcada pela violência vista/vivida, cria para si restrições de comportamento em contato social, o que se torna uma penalidade em ter que esconder a si mesmo. Uma cena específica, presente no HQ e no filme de “Azul é a cor mais quente” é quando uma das protagonistas briga com um grupo de amigas na escola, onde ela, visivelmente ofendida por acusarem-na de ser lésbica, acaba por ficar desolada, demonstrando todo o desespero e solidão sentidos pela personagem naquele momento. São em momentos assim, descritos na ficção, mas que são factuais na rotina de muitas pessoas, em que se pode questionar a violência nos ambientes institucionais/educacionais. Portanto, são pertinentes as discussões de gênero no seio das instituições escolares e universitárias, de modo que se possa dignificar a convivência humana em prol de melhores resultados na igualdade social dentro destes espaços.

Palavras-chave: Romance Gráfico; Cinema; Educação; Análise.

### **INTRODUÇÃO**

Lançado em 2010, o romance gráfico intitulado *Azul é a cor mais quente* teve uma adaptação cinematográfica que estreou nos cinemas em 2013. O filme, no contexto brasileiro, foi o que divulgou a história do casal lésbico Emma (nome da personagem de cabelos azuis em ambas as produções) e Adèle (nome que a protagonista recebeu na adaptação fílmica) / Clémentine (nome da protagonista no Romance Gráfico) ao grande público, o que posteriormente contribuiu com a popularização da demanda da HQ para bancas e livrarias.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



A partir disto, pode-se entender que junto com o consumo de produtos midiáticos não ocorre uma compreensão e estudo daquilo que se vê, pois, estes não são necessários na contabilidade da empresa que distribui o produto. Mesmo quando apresentadas algumas análises em mídias populares, elas ainda não contemplam todas as possibilidades interpretativas presentes no conteúdo destes produtos. Isto acontece pois, elas estão ligadas com as singularidades de seus milhares e milhões de consumidores, algo que as mídias e o mercado não preferem privilegiar, já que a padronização de pensamento é o que gera a publicidade.

Diante da falta de um olhar crítico que impulse um aprendizado a respeito do que se passa no filme, encontramos no contexto escolar um terreno próspero para abordar questões evidenciadas e problematizadas ao longo da história de *Azul é a cor mais quente*, inclusive porque uma parte da história se passa dentro deste ambiente. Um dos casos que podemos exemplificar é o do *bullying* vivenciado pela protagonista em sua escola em uma das cenas.

Esta é uma dentre outras formas de violências representadas pelo conteúdo do filme e do HQ. Portanto, serão a partir delas que podemos colocar questionamentos mais profundos sobre o que se passa na cena, estendendo o campo de visão e sentido do observador. Desta forma, poderemos contemplar questões como: diante de tal cena de violência, presenciada em ambiente escolar como mostra o filme, onde se encontra o papel das autoridades escolares de intervirem em tais situações? Ou ainda, como os alunos encaram uma análise desta cena? Eles estariam de acordo ou contrários a violência vivida pela personagem? E o porquê de suas respostas?

Estas são algumas das perguntas que são capazes de iniciar um estudo de caso, no qual a própria sala de aula pode conduzir um estudo a respeito do evento vivido pela protagonista. Mais ainda, podemos expandir as discussões em torno dela para falar sobre evasão escolar, por exemplo, ou os índices de suicídio na população LGBT, dentre outros assuntos que, embora distantes de grande parcela do público que viu o filme e/ou leu o HQ, ainda é muito presente na vida daqueles que se identificam com as situações vividas pelas personagens.

Portanto, este artigo pretende se dedicar à discussão de como a arte pode estar em confluência com assuntos da vida, sem minimizar a arte por seu caráter

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



ficcional, ou, os assuntos sobre os fenômenos da vida, só porque eles não são científicos, ou por acreditar que eles não tem relação com o currículo escolar. Precisamos estabelecer nas instituições de ensino discussões pertinentes ao modo como vemos e entendemos a vida das populações de minorias sociais, de modo que assim se evite a violência, marginalização e criminalização das mesmas, promovendo igualdade e socialização no/do ensino.

## **ANÁLISE DE ARTE COMO BASE DA EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA E DO PENSAMENTO CRÍTICO**

Desde os primórdios da humanidade, nossa espécie tem criados meios de alterar a natureza, que cada vez mais facilitaram a superação das imposições impostas por ela. Atualmente vivemos em um período cuja humanidade se distanciou do mundo selvagem e hoje se tornou a espécie responsável por todos os processos globais, sejam eles naturais ou não. Um exemplo são as mudanças climáticas do aquecimento global, que são intensificadas devido a ação humana. Neste processo, nossas reações aos estímulos externos se modificaram: Hoje nossos medos de predadores se tornaram outros medos, nossas alegrias se tornaram outras alegrias, e nossas reações mais instintivas vem agora acompanhada de significado. Transformamos nossas expressões mais naturais em linguagens significativas e subjetivas, o que, de acordo com Costa (2008) é o que inaugura o pensamento artístico humano:

No ser humano (...), as reações expressivas de nosso estado de espírito transformaram-se em linguagem -, um conjunto de signos que, articulados, expressam ideias -, permitindo que possamos compartilhar com os outros as emoções vividas. Podemos fazer um gesto de dor ou de alegria apenas para relatar um fato que tenhamos vivido e que já seja passado. E mais, podemos ser tão convincentes a ponto de fazer nosso interlocutor rir ou chorar diante de nossa interpretação. Desse modo, somos capazes de vivenciar situações pelo poder de sugestão da linguagem humana e do uso que dela fazemos. O prazer desse compartilhamento acabou por ser mais importante do que a utilidade expressiva do gesto. Passamos a sentir prazer nas emoções por meio da linguagem. Assim, inventamos a arte (COSTA, 2008, p.9).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Portanto, nossa relação com a arte está vinculada ao nascimento e transformação do modo como compreendemos o mundo, através de nosso intelecto, sentimentos, sensações e subjetivações. Logo, a linguagem deu luz à comunicação e a toda sua estrutura de significados. Aprendemos a nos comunicar de forma virtual, da mesma forma como fazemos e interpretamos a arte, pois, os processos de construção dessas linguagens têm aquela mesma origem descrita no parágrafo anterior.

Antes de mais nada, é importante dizer que a arte dita no corpo do texto nada mais é do que a compreensão contemporânea da arte. Essa expressão abrange tudo o que se diz como “criação”, pois:

Desde o nascimento do modernismo, os artistas demonstraram uma verdadeira fascinação pelas novas tecnologias. Gradualmente, as tecnologias foram tomando a linha de frente do experimentalismo nas artes até o ponto de muitos curadores terem abandonado as formas tradicionais de arte, pintura e escultura, por não considerá-las contemporâneas. A fotografia, as imagens digitalizadas, os vídeos, os filmes e, principalmente, as várias formas de instalação e arte ambiental midiática passaram a ocupar um espaço legitimizado em museus e galerias (SANTAELLA, 2005, p. 14).

Ou seja, em sua busca por apreender os fenômenos do mundo e sublimá-los em uma linguagem subjetiva, os artistas fazem uso de qualquer fonte de inspiração ou material/ferramentas de sua época. Isto acontece pois, é no experimentalismo do uso das nas novas tecnologias, que se encontra o que necessitamos para inovar nosso olhar perante as coisas, principalmente de forma crítica, que demonstre a fragilidade do mundo material em relação a como se pode enxerga-lo através de múltiplas visões distintas.

Assim, utilizando-se de toda e qualquer criação humana para produzir novas linguagens, os artistas expandiram o campo dos significados e, respectivamente, nossa forma de vê-lo. Isso é possível pois, a arte envolve a esfera do subjetivo humano em contato com o espectro que denominamos realidade. O resultado deste contato faz com que a realidade perca suas definições, passando a ser algo inextato e que exige muito mais de nós para que seja compreendida. Portanto, se é a partir da arte que podemos alterar a significação da realidade usando da imaginação, ou

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



da criatividade; é pela ótica da mesma que será possível, a partir de produtos midiáticos extrair aprendizados para além do audiovisual.

Assim sendo, o campo da arte traz uma discussão fundamental para o campo dos estudos de gênero por possibilitar que, através de filmes, séries, livros e histórias em quadrinho, seja explorada essa temática e a faça transbordar para além do suporte. Por mais que não falem exemplos na vida real, as violências e subordinações sistêmicas sofridas pela população LGBT, podem ser melhor compreendidas pela ótica da ficção, pois, em determinado momento ela se confunde, invariavelmente, com a ótica pela qual se enxerga a realidade.

Portanto, a partir desta compreensão, podemos fomentar o debate nas instituições escolares, buscando soluções para possíveis problemas quanto a violência dentro deste ambiente. É justamente a compreensão da importância da convivência e respeito social que deva ser objetivado em aplicações de análise semelhantes à veiculada neste texto, de modo que se tenha uma mudança de paradigma quanto ao modo como tratamos as injustiças e desigualdades dentro da sociedade.

## **METODOLOGIAS DE ANÁLISE**

A primeira etapa a ser cumprida no desenvolvimento da análise é encontrar autores que lhe darão conhecimento técnico, para que seja possível compreender todo os meios com o qual a mensagem pode ser entendida. Pois, diferente do texto verbal, ou escrito, a imagem é um texto sem palavras e cabe ao professor de arte alfabetizar os indivíduos para este mundo.

Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998):

Somos rodeados por ruidosas linguagens verbais e não verbais - sistema de signos - que servem de meio de expressão e comunicação entre nós, humanos, e podem ser percebidas por diversos órgãos dos sentidos, o que nos permite identificar e diferenciar, por exemplo, uma linguagem oral (a fala), uma linguagem gráfica (a escrita, um gráfico), uma linguagem tátil (o sistema de escrita braile, um beijo), uma linguagem auditiva (o apito do guarda ou do juiz de futebol), uma linguagem olfativa (o aroma como o do perfume de alguém querido), uma linguagem gustativa (o gosto apimentado do acarajé baiano ou o gosto doce do creme de

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



cupuaçu) ou as linguagens artísticas (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.37).

Essa citação demonstra aquilo que foi evidenciado no início do artigo, no qual afirma-se que a arte tem a mesma origem que toda as outras formas de linguagem. Portanto, é esperado que ela se confunda, se entremeie, preencha e ocupe espaços no meio desses “ruídos” das outras.

Portanto, para o professor que queira analisar um filme, ou uma imagem com os alunos, se torna uma tarefa muito difícil não saber a qual sistema de códigos recorrer quando se quer analisar uma linguagem. Por isso é importante recorrer a autores que oferecem uma “tradução”, por assim dizer, daquilo que encontraremos na análise. Até porque, o modo como são produzidas as linguagens midiáticas demandam que cada uma tenha seu próprio sistema de nomeações, tipificações e caracterizações dos artifícios que serão utilizados.

Dito isto, os autores que serão utilizados para analisar, respectivamente, HQ e filme, são, Ramos (2014), Aumont (1995) e Vanoye (1994). O primeiro autor é o único que será trabalhado na análise do HQ. Em seu livro, Ramos (2014) trabalha cada artifício presente no formato dos quadrinhos e suas variações de acordo com a liberdade poética do desenhista. Ele analisa desde balões de fala, até os ângulos de cena desenhados e como é possível trabalhar o tempo narrativo conforme a demanda espacial, de acordo com os múltiplos gêneros de quadrinhos.

Em seu livro, o autor diz:

A leitura dos capítulos procura aprofundar os principais elementos da linguagem dos quadrinhos e de seus gêneros e contribuir para um melhor entendimento dessa linguagem, de modo a estimular o uso dos quadrinhos em sala de aula e em necessárias pesquisas científicas sobre a área. (RAMOS, 2014, p.14)

Desta forma, constatamos que, os quadrinhos têm uma profunda ligação com a sala da aula, pois a compreensão de sua linguagem deve fazer sentido justamente para aqueles que tem mais interesse em a consumir. Sabendo disso, ao decodificar para o leitor os artifícios dos quadrinhos, Ramos (2014) já estrutura sua linguagem para que ela seja didática, ou seja, possível de ser usada em sala de aula.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Sobre a linguagem fílmica, pode-se dizer que devido ao seu campo técnico estar intimamente ligado com os últimos avanços tecnológicos, a compreensão dos mesmos se torna mais complexa. Para concluir uma história em quadrinhos, desconsiderando a qualidade editorial, é muito mais simples do que concluir um filme, pois este se utiliza do mundo material/real para ser produzido, enquanto um quadrinho é possível de ser produzido em uma escrivaninha, com lápis e borracha.

Iluminação, filmagem, cenografia, figurino são algumas das categorias que os filmes priorizam, para que sua narrativa seja mais persuasiva e eficaz na hora de passar sua mensagem. Seu nível de detalhamento e fruição exigem mais apreço pelos detalhes na hora de produzi-la, considerando isso, Aumont (1995) aparece como uma referência para a análise, pois ele traduz a linguagem técnica, de modo que esta não ignore o objetivo de sua existência: a reação, percepção e questionamentos do público.

Segundo o autor:

É claro que a experiência, mesmo a mais breve, de assistir a um filme, basta para demonstrar que reagimos diante dessa imagem plana como se víssemos de fato uma porção de espaço de três dimensões análogo ao espaço real no qual vivemos. Apesar de suas limitações (presença do quadro, ausência de terceira dimensão, caráter artificial ou ausência de cor etc.), essa analogia é vivenciada com muita força e provoca uma 'impressão de realidade' específica do cinema, que se manifesta principalmente na ilusão de movimento (...) e na ilusão de profundidade. (AUMONT, 1995, p.21)

Desta forma, é possível entender que, por mais persuasiva e bem acabada que sejam, as linguagens irão se diferenciar em público alvo, fruição, percepção e reflexão, pois estão contidas em suportes diferentes. Estes, por sua vez, têm um sistema de artifícios diferentes, e cada um deles demanda um entendimento dos mesmos, abrangendo suas nomeações, características, utilidades e versatilidades.

Finalizado este entendimento, a análise precisa mais do que a compreensão técnica do meio, linguagem ou suporte do objeto analisado. Vanoye (1994) explica que, o interlocutor, ao analisar um filme necessita de uma postura de rigor científico (e isto pode se estender a diversas formas de imagens móveis e estáticas, sejam elas produtos midiáticos, sejam da arte contemporânea), no sentido em que, sua

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



observação deve ser repetida inúmeras vezes, desmontando-o, remontando-o, extraindo dele os resultados possíveis de sua criação:

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade. (VANOYE, 1994, p. 14)

Portanto, é desta perspectiva que Vanoye (1994) trabalha suas análises, com um rigor equiparável ao de uma pesquisa científica, principalmente pela ótica da análise minuciosa de seus materiais, para que não se perca nenhuma variável que futuramente possa invalidar a compreensão a respeito daquele objeto. Para isso, o autor defende a análise, dizendo que:

A análise vem relativizar as imagens “espontaneistas” demais da criação e da recepção cinematográficas. Estamos cercados por um dilúvio de imagens. Seu número é tão grande, estão presentes tão “naturalmente, são tão fáceis de consumir que nos esquecemos de que são o produto de múltiplas manipulações, complexas, às vezes, muito elaboradas. O desafio da análise talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um deslumbramento participante. (VANOYE, 1994, p. 13)

Ou seja, é para isso que devemos trabalhar com a análise dentro da escola: para demonstrar aos alunos a grande complexidade de elementos e significados disponíveis todos os dias para eles, que, por meio de imagens, sons, cheiros e cores, estão somente esperando para serem decifrados. Também se faz necessária a análise, justamente pelo aspecto descrito anteriormente: em um mundo repleto de “ruídos”, de linguagens das mais diversas, é muito fácil sermos enganados por informações superficiais. A variável que nos escapa na análise pode estar em nossa rotina, ao não entendermos os objetivos por trás das mensagens que nos bombardeiam diariamente.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Portanto, na busca por se apreciar o mundo, entendê-lo e valorizá-lo, a arte terá a função de guiar os alunos de forma que eles entendam o sentido de tudo o que lhe envolve, para que nada lhe escape aos olhos. Desta forma, se faça compreender que o mundo vai muito além da superficialidade de suas aparências.

## **APLICANDO A ANÁLISE ÀS CENAS DE *AZUL É A COR MAIS QUENTE***

Unindo a importância da análise para o contexto escolar e o aprendizado à importância da mesma na modificação da forma com que a pessoa vê e aprecia o mundo, será iniciada, como resultado, a análise de imagem, por meio das questões de gênero, de modo que possam ser levantadas discussões a respeito do que se interpreta de seu conteúdo.

Não cabe neste artigo analisar todos os fenômenos ocorridos no conteúdo de *Azul é a cor mais quente*, por quê, ele está em constante relação ao modo como foram produzidos, ou seja, somente assistindo, lendo e observando muito os produtos midiáticos é que conseguiremos analisá-lo completamente.

Portanto, será utilizado no texto, algumas descrições de fenômenos ocorridos no conteúdo dos produtos, de modo que suas elas sejam suficientes para sugerir a discussão necessária para trabalhar os caminhos da análise.

Os autores como Ramos (2014), Aumont (1995) e Vanoye (1994) não foram citados em vão. Por exemplo, compreendendo a forma como os artistas utilizam certos elementos gráficos podemos entender como foram atribuídos significados a fala, as margens, ao ângulo com o qual a cena foi desenhada, enfim, diversos quesitos que passam despercebidos sem este estudo. Porém, isto será um trabalho que demanda outros espaços além do possível neste artigo, configurando assim uma possibilidade de prosseguimento com esse estudo.

Sobre o modo como filme e HQ serão analisados e onde se encontra os artifícios para tal já se tem o aporte necessário, porém, ainda não se tem o aporte que fale sobre as questões de gênero, para que se possa compreender onde elas aparecem no filme e no HQ. Para isso, serão utilizados os autores Foucault (1988) e Eribon (2010) que darão todo o repertório sobre tais questões, pois eles escrevem sobre como a sociedade e os fenômenos e formas de organização presentes nela

Realização:



Apoio:



que constituíram toda uma “teia de saberes” sobre a sexualidade (FOUCAULT, 1988).

As cenas descritas foram selecionadas de modo que fossem amostras de situações de violência cotidiana, que levam desde a economia, ou, por assim dizer, ao racionamento dos gestos perante o contato social, até situações onde a personagem é confrontada com questões pessoais antes mesmo de compreendê-las. Isto resulta em uma negação de si para se adequar aos padrões impostos pela sociedade durante o conflito, de modo a evitar ao máximo o desconforto causado pelo mesmo.

A primeira cena a ser analisada será o momento em que a protagonista briga com as amigas na porta da escola. Por ter sido vista saindo com uma menina conhecida por frequentar ambientes LGBT e ter cabelo colorido (Emma), Clémentine/Adèle é bombardeada com perguntas impertinentes sobre sua sexualidade na saída da escola, onde no filme as supostas amigas fazem perguntas sexuais de baixo calão, com o intuito de ofender ainda mais a vítima.

Sobre isto, Eribon (2010) vai dizer que:

Aquele que lança a injúria me faz saber que tem o domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente o de me ferir. De marcar a minha consciência com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo da minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade (DIDIER, Eribon. 2008, p. 28).

Assim, é justamente essa violência interiorizada que deve ser uma das discussões possíveis de serem feitas em sala de aula. Ao ver a cena, nota-se como a protagonista fica transtornada diante das ofensas, momento que demonstra sua reação instintiva ao não saber como responder as amigas, quanto mais as dúvidas sobre si mesma.

Portanto, ao mostrar como a consciência sofre diante de tais violências, devemos iniciar aqui a fase em que enfatizamos o modo como essa observação sobre a briga deva ser estendida a outras esferas da vida. Perguntas como: “como seria tal situação se fosse contextualizada entre adultos em uma entrevista de

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



emprego?”, “será que a violência seria direta como as ofensas verbais proferidas a Adèle/Clémentine, ou seria sutil e eufêmica a ponto de não considerarmos violência?”, “será que é somente a ofensa verbal e direta que fere? Ou há outros modos com os quais as pessoas conseguem ‘marcar a consciência’ de um indivíduo de forma negativa? ”.

Sobre isto, Eribon (2010) diz que:

(...), mesmo aqueles que se sentem mais livres, nas grandes cidades dos países ocidentais, devem saber negociar a todo instante a relação com o mundo à sua volta: saber onde é possível dar a mão ao parceiro, onde é possível deixar transparecer afeição pelo outro do mesmo sexo e onde é melhor evitar fazê-lo. Esse saber prático, tão interiorizado que raramente aflora à consciência, não tem necessidade alguma de ser explicitado para agir e organizar as condutas adaptadas (DIDIER, Eribon. 2008, p. 30).

Assim sendo, podemos notar em uma das cenas como esse “saber prático” se torna um sintoma de uma sociedade opressora, no que diz respeito não só a restrição do comportamento em si, mas também à restrição de espaços públicos onde não se pode “exibir” uma sexualidade fora dos padrões.

Sentadas a mesa de um café, no romance gráfico, as personagens estão entretidas trocando carícias. Logo que isso é notado, em um dos quadros da sequência, nota-se que Emma interrompe o momento de amor devido a olhares maliciosos de alguns homens na bancada do estabelecimento.

Este tipo de acontecimento mostra que, mesmo que não intencionalmente, o comportamento das pessoas diante dos fenômenos sociais podem revelar muito mais sobre ela do que se imagina, pois um simples olhar já expõe suas intenções mais secretas.

Desta forma, nos cabe levantar o questionamento “Será que, a forma como tratamos a sexualidade, se tornou demasiadamente restritiva e punitiva? “, pois, de certa forma, um simples olhar já é capaz de revelar que as fronteiras de gênero são delicadas e que, quando não compreendidas, desencadeiam eventos fatais para toda uma população.

Neste caso, percebido a tempo, as personagens puderam se retirar antes que algo pior acontecesse. Contudo, será que foi válida a percepção e ação preventiva

Realização:



Apoio:



das meninas? Ou será que, mesmo que sofrendo um olhar ameaçador, o direito delas de ir e vir e permanecer em um café ou em uma lanchonete deve ser mantido?

Pedir para os alunos se imaginarem na situação e imaginarem possíveis saídas para esse impasse já seria o suficiente para que ele compreendesse onde está o erro em se manter discursos que repreendem as sexualidades “desviantes”, pois:

(...), quando o homossexual diz que é homossexual, o heterossexual é obrigado a se pensar como heterossexual, embora até ali não tivesse que se fazer perguntas sobre a sua identidade e sobre a ordem social pela qual ela está instituída. Ele estava num estado de privilégio absoluto. Por isso, indigna-se quando é ameaçado de perdê-lo, ainda que parcialmente, e pede aos *gays* que voltem à sua ‘discrição’, isto é, que permitam que ele volte a paz de suas certezas, ao conforto de sua normalidade que repousava no silêncio dos outros. Ou, então, mais simplesmente ainda, o heterossexual considera que o homossexual se comporta mal, exagera, ‘se exhibe’, provoca... Assim, o homossexual só pode ser o objeto do discurso e torna-se insuportável tão logo pretende ser o sujeito (DIDIER, Eribon. 2008, p. 73).

Portanto, não é inocente julgar que o aluno, ao ter compreensão de todo o tipo de injúria e restrição sofridos pela população LGBT, como também por outras minorias, passa a compreender que tais violências não têm outra base se não a própria desordem do pensamento de si sobre o mundo. Ao perceber que sua injúria somente se baseia em um preceito que existe em detrimento do outro - pois a heterossexualidade cisgênero só se define por aquilo que ela não é – passamos a compreender que não existe base que justifique de forma sensata nossa forma de perceber o mundo.

Seja em um café ou na sala de aula, os indivíduos precisam compreender que reprimir o outro por ser quem ele é, é coagir e condicionar sua existência nas regras de um preceito já superado e que se mostra ilusório diante dos fatos. De fato, a sexualidade, assim como as produções humanas e a análise de imagem, não podem ser vistas por perspectivas “espontaneistas” (VANOYE, 1994), uma vez que por fazer parte da expressão humana, ela é demasiadamente complexa para que sua sexualidade funcione perfeitamente dentro de uma lógica simplista como a heteronormativa.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jaques. O filme como representação visual e sonora. In: **A estética do filme**. \_\_\_\_\_ (Org.) Campinas, SP: Papyrus, 1995.

AZUL é a cor mais quente. Diretor: Abdellatif Kechiche. Paris: Imovision, 2013.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo: Moderna, 2008.

ERIBON, Didier. **Reflexões Sobre a Questão Gay**. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1988.

MAROH, Julie. **Azul é a cor mais quente**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M.Terezinha Telles. **Didática do Ensino de arte: A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Porque as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



**ABSTRACT**

***BLUE IS THE WARMEST COLOR: FROM THE ECONOMY OF GESTURES TO THE DENIAL OF THE SELF***

**ABSTRACT:** Following up a wish to expand the reflections achieved by a scientific research entitled *Blue is the warmest color: from the graphic novel to the movie theater*, this article aims to explore the social relations evidenced by the referred study, and that contemplate the daily lives of individuals, from their family relations to brief and skewed glances of the streets. On this subject, both Foucault (1988) and Eribon (2010) talk about the way that consciousness, marked by seen/experienced violence, creates to itself some behavioral restrictions when in social contact, which becomes a penalty of having to hide oneself. A specific scene of that, present both in the comics and in the movie of *Blue is the warmest color*, is when one of the main characters has an argument with a group of friends from school, where she, visibly offended by the accusation of being a lesbian, ends up experiencing desolation, showing all the despair and solitude felt by the character at that moment. Moments like these, described in fiction, but also factual in the routines of many people, can question the violence in educational and institutional environments. Therefore, it is pertinent to discuss gender in the midst of scholar and academic institutions, in a way that can dignify human coexistence in favor of better results in social equality inside these spaces.

**Keywords:** Graphic novel; movie; education; analysis.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação

